

Vem mais frio por aí

DA REDAÇÃO

Edilson Rodrigues/CB/30.6.06

O inverno que começou em 21 de junho deve ser o mais frio dos últimos quatro anos no Distrito Federal, segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Em 25 de julho de 2004, a temperatura mínima chegou a 8.9°. “A circulação dos ventos está permitindo que massas vindas da Antártida fiquem mais tempo sobre o nosso país”, explica o meteorologista Francisco de Assis Diniz. Segundo ele, quem investir na compra de um casaco não estará jogando dinheiro fora ou simplesmente atendendo aos apelos consumistas da indústria da moda. “O inverno está apenas começando, então é provável que esfrie ainda mais até o final da estação”, afirma.

No calendário, o inverno acaba em setembro, mas as temperaturas baixas no DF costumam durar até a primeira quinzena de agosto. Para amanhã, espera-se temperatura mínima de 13° e máxima de 24°. A umidade ficará entre 85% e 50%. Mas o brasileiro que não se engane. As altas taxas de umidade que têm caracterizado os primeiros três dias desta semana são uma excepcionalidade no mês de julho. A regra para esta época do ano é de tempo seco, ausência de chuvas e umidade abaixo dos 40%.

Os meteorologistas do Inmet estimam que, até o fim da semana, as características climáticas que os moradores tanto conhecem estarão de volta ao DF. A partir do mês que vem, a baixa umidade atingirá seu pico, podendo chegar até a 20%. “O primeiro mês do inverno é caracterizado pela queda nas temperaturas. No segundo, há a diminuição das chuvas, o que causa uma perda da umidade. Sem chuvas, o terceiro mês é o mais crítico”, explica o meteorologista Manoel Rangel.



BENEDITO MELITO EXPLICA QUE A BAIXA UMIDADE NOS MESES DE SECA DESAFINA INSTRUMENTOS, COMO O PIANO

Entre agosto e setembro, os problemas respiratórios aumentam, bem como os focos de incêndio. “É nesse mês que a umidade relativa do ar fica abaixo dos 20%”, lembra. Segundo o Inmet, o período de seca deste ano deve ficar dentro do normal e registrar valores entre 85% pela manhã e 35% no final da tarde. Mas o desconforto da baixa umidade não atinge apenas as pessoas.

Instrumentos

A época da seca traz incômodos aos profissionais da música. Os instrumentos musicais, especialmente aqueles feitos de madeira, são afetados pelas variações bruscas de temperatura e umidade. Nos dias secos, a madeira se contrai. Nos dias chuvosos, o fenômeno inverte-se, e ocorre a dilatação. Essas mudanças provocam diferenças na afinação dos instrumentos para que as melodias saiam perfeitas.

O afinador e reformador de piano Benedito Antônio Melito explica que a falta de umidade desestabiliza o instrumento. “O primeiro problema é a desafinação. As peças que seguram o final das cordas, as cravelhas, ficam frouxas e a corda não atinge a afinação adequada. Apertando as cravelhas, afina-se o instrumento”, explica. Segundo Melito, caso essas peças não sejam apertadas regularmente, elas deixam de prender a corda, afetando o som.

O cravo, outro instrumento de teclado, é tão sensível a baixa umidade do ar que pode até estragar nesta época do ano. “O cravo sofre muito porque a madeira pode rachar. O som dele, durante este período, fica mais baixo. Nos períodos chuvosos, acontece o contrário, já que a madeira dilata-se” afirma a cravista e professora de cravo Ana Cecília Tavares. A dica da professora para os que têm o instru-

mento em casa é deixar o ambiente totalmente fechado. “Quanto menor o contato com o ar seco externo, melhor”, ensina.

Ter um instrumento de madeira em casa exige cuidados. Por isso, quem tem violão também deve tomar alguns cuidados. No caso dos violões, o problema é o braço do instrumento. Feito de madeira, ele também se contrai no inverno. “O braço pode dar uma pequena empenada. O som fica mais metálico durante essa época. Quando a estiagem é muito forte e a pessoa não hidrata o equipamento, a madeira pode rachar”, alerta a violoncelista e professora de piano Kátia Almeida. A dica, segundo ela, é manter um umidificador próximo ao instrumento. “Podem ser encontrados em lojas especializadas umidificadores internos para instrumentos de corda. Mas os convencionais servem também”, ensina Kátia.